



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da 16ª Convenção Anual da Federação das
Associações Comerciais e Empresariais do Paraná**

Foz do Iguaçu-PR, 24 de agosto de 2006

Meu caro companheiro Orlando Pessuti, vice-governador do estado do Paraná, de quem eu invejo o potencial de voz, porque se eu tivesse metade da eloqüência dele para fazer discurso...

Mas é uma alegria... o governador Requião esteve no aeroporto me esperando e eu quero te dizer, Pessuti, que este é um estado que tem uma história de cooperativas que pode ser uma referência para o Brasil, num curto espaço de tempo.

Quero cumprimentar o meu companheiro ministro Luiz Fernando Furlan, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

O meu ministro Paulo Bernardo, do Planejamento, Orçamento e Gestão,

O meu ministro Fernando Haddad, da Educação,

O meu ministro Silas Rondeau, de Minas e Energia,

O meu ministro Sérgio Rezende, da Ciência e Tecnologia,

Quero cumprimentar o senador Flávio Arns,

Quero cumprimentar o prefeito Paulo Mac Donald,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Jefferson Nogaroli, que preside esta Federação das Associações Comerciais e Empresariais do Estado do Paraná,

Quero cumprimentar o Alencar Burti, presidente da Confederação das Associações Comerciais e Empresariais do Brasil,

Quero cumprimentar o Luiz Otávio Gomes, presidente do Conselho Deliberativo do Sebrae,

Quero cumprimentar o desembargador Luiz Sérgio Neiva de Lima Vieira,



Quero cumprimentar o senhor Ardisson Naim Akel, presidente do Conselho Superior da Federação das Associações Comerciais e Empresariais do Paraná,

Quero cumprimentar mulheres e homens, empresários e empresárias que participam deste Congresso,

Antes de ler o meu pronunciamento, eu queria dizer que há muitos e muitos anos eu sou amante do cooperativismo. A região da Emília-Romana foi visitada por mim algumas, eu diria, dezenas de vezes, na perspectiva de aprender como é que aquela região da Itália pôde se transformar numa região tão rica, baseada numa força extraordinária do cooperativismo.

Antes de ser eleito presidente, participei de um congresso de cooperativismo na cidade de Santos. E lá eu firmei ainda mais a convicção de que era preciso apostar, cada vez mais, na consagração das cooperativas. Depois de ganharmos as eleições, nós descobrimos que existia uma política determinada de governo de criar dificuldades para a organização de cooperativas no Brasil. Partia-se do pressuposto de que criar cooperativa de crédito seria colocar dinheiro de pessoas na mão de dirigentes de cooperativas que nem sempre poderiam administrar corretamente e que poderiam desviar o dinheiro dos cooperados, e o Tesouro teria que arcar com a responsabilidade.

Pois bem, nós fizemos muitas mudanças no cooperativismo. Primeiro, convencer o Banco Central de que a gente não poderia enxergar as pessoas como desonestas até prova em contrário, mas que deveria enxergá-las como honestas até prova em contrário. Era preciso criar a oportunidade e dar uma chance até para que a gente soubesse se as pessoas iriam se organizar ou não. Não foi uma luta fácil, não sei quantos de vocês conhecem, mas a burocracia é uma coisa extremamente poderosa, e ela é eterna, nós somos passageiros. Esse é um dado que não vale para o Brasil, isso é para o mundo. Se você conversar com o Bush; conversar com o Chirac; conversar com a



Angela Merkel, na Alemanha; conversar com o Tony Blair, na Inglaterra; conversar com o Chávez, na Venezuela; conversar com o Kirchner, na Argentina, conversar com todos os presidentes e primeiros-ministros, eles vão dizer: a burocracia é poderosa.

Sabe como é que eu comparo? Nós, governos eleitos, somos o trem, a burocracia é a estação. Então, aquela estação vê passar todo dia um trem, passa, vem outro, passa, ou seja, ela sabe que ela vai ficar e que nós somos passageiros. Então, mudar essa burocracia é um trabalho, primeiro, de convencimento, segundo, um trabalho de mudança de estruturas de quase um século, eu diria, que estão impregnadas na cabeça das pessoas, e isso nós fizemos. Fizemos através do Conselho Monetário Nacional, com a participação do companheiro Paulo Bernardo, com a participação do companheiro Guido, do Meirelles, do Palocci, nós já fizemos muitas mudanças substanciais e eu tenho feito, Prefeito, boas provocações em todos os encontros de prefeitos de que eu tenho participado.

Eu tenho pedido aos prefeitos que eles provoquem os pequenos empresários das suas cidades, os pequenos comerciantes das suas cidades a se organizarem em cooperativas para fugirem do sistema financeiro tradicional, senão, não existe possibilidade. Os bancos vão baixar os juros quando eles perceberem que não tem mais um governo vendendo títulos a um preço muito alto e nem quando não tem ninguém aceitando tomar dinheiro emprestado a juros muito altos.

Então, eu acho que se organizar em cooperativa é uma coisa necessária. Eu disse que eu ainda sonho em transformar o Brasil no maior país cooperativado do mundo. Acho que nós temos as condições para isso, com uma coisa importante, Nogaroli, uma cooperativa não pode nascer de cima para baixo, não pode ser um presidente, um governador, um prefeito, a pessoas precisam sentir a necessidade de precisar de uma cooperativa, aí ela



vai nascer e vai dar certo. Se a gente tentar criar de cima para baixo, vai ser uma cooperativa natimorta, não vai ter sucesso.

A segunda coisa, eu gosto de cooperativa porque não só eu viajei muito a região da Emília-Romana, mas porque eu tenho um vice-presidente da República que tem uma história muito parecida com a do mais sofrido empresário deste País. O José Alencar, antes de se transformar no empresário bem-sucedido que ele virou, foi um menino que dormiu muito tempo no corredor de um hotel porque não podia pagar um quarto para dormir. E ele trouxe dessa experiência dele a formação política, a formação moral que ele tem hoje e, como nós discutimos muito, eu estou cada vez mais firmando a minha convicção da necessidade de ajudar o trabalho das cooperativas.

É importante lembrar que logo no começo do governo, em 2004, nós mandamos para o Congresso Nacional um projeto chamado Pré-Empresa. Era um projeto que visava permitir que os pequenos, os camelôs, aqueles que vendem numa carrocinha de cachorro quente nas ruas pudessem se legalizar para não ficarem sendo achacados por fiscais de prefeitura, por polícia, essa lei não foi aprovada. Quando nós mandamos a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, nós acoplamos esse projeto da Pré-Empresa na Lei Geral para ver se na hora em que aprovar, aprova tudo junto e a gente permita que, definitivamente, não seja um crime contra a nação abrir uma empresa e não seja um crime contra a nação fechar uma empresa, porque é difícil abrir, mas fechar é quase impossível, porque tem tanta exigência que as pessoas quase não conseguem sobreviver.

Eu, particularmente estou convencido de que o Congresso Nacional deverá aprovar... eu confesso a vocês que não sei se aprovará antes do dia 1º de outubro, tenho minhas dúvidas, mas eu penso que até o final do ano o Congresso Nacional deverá aprovar a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, porque é um benefício para toda a sociedade brasileira.



Também quero dizer para vocês que algumas discussões que nós temos que fazer no Brasil precisam ser feitas da forma mais madura, da forma mais preparada possível. O Brasil atingiu um patamar no seu desenvolvimento econômico, na robustez da economia, que nós só não damos o segundo passo se não quisermos dar o segundo passo, ou seja, é como o cidadão que chegou à festa, está lá a pretendida, bonita como nunca, e é só ele chegar, ir lá e conversar. Se ele for tímido e não for conversar, ele vai perder.

A economia brasileira está em um ponto de tamanha possibilidade de futuro como nós nunca tivemos, desde que foi proclamada a República do Brasil. Eu digo isso em tom de provocação aos estudiosos de economia. Eu duvido que depois que foi proclamada a República brasileira, a economia brasileira viveu o momento que está vivendo hoje. Nós precisamos crescer mais? Precisamos. Os juros precisam cair? Precisam. É preciso ajustar o câmbio? É. Agora, tudo isso não pode ser feito por medida provisória, por projeto de lei e muito menos por decreto. Nós temos que ir criando as condições para que essas coisas se ajustem com naturalidade e com firmeza, para que não retrocedam no primeiro espirro que der a economia americana ou a economia européia.

Dito isso, eu queria dizer aos meus amigos que estão participando deste Congresso que o fortalecimento do pequeno negócio, que é o tema principal do Encontro da Federação das Associações Comerciais e Empresariais do Paraná, é uma agenda muito especial e muito importante para o nosso governo. Digo isso não apenas pela conhecida relevância desse segmento na economia nacional, mas também porque o florescimento do pequeno comércio desempenha um papel insubstituível na regeneração dos laços que sustentam a vida em sociedade, e é fácil entender a razão disso. Todos sabemos que o pequeno supermercado, a padaria da esquina, a mercearia, o açougue e a banca de jornais geram empregos e geram serviços. Mas o que muitas vezes se ignora é que eles também fortalecem a comunidade, são eles que



contribuem para tornar a rua um espaço de cidadania, um convite à conversa, à amizade e à solidariedade.

A rede de pequenos produtores, comerciantes e prestadores de serviços dinamiza e valoriza o espaço público. Com eles, a rua ganha vida e movimento, e passa a ser um espaço realmente compartilhado. Regenerar o espaço público como espaço da vida e da liberdade talvez seja um dos maiores desafios do nosso tempo, e não há melhor equipamento de segurança pública em uma rua ou em um bairro do que uma rede varejista diversificada, tradicional, bem instalada e bem-sucedida. As micro e pequenas empresas desempenham, portanto, um papel insubstituível na democratização comunitária e econômica da vida nacional. Mas, para que seu potencial seja plenamente desenvolvido, são necessárias políticas que promovam a desconcentração econômica e combatam, vigorosamente, a desigualdade social. Ao lado das ações específicas para o setor, são essas políticas que abrem espaço para o surgimento de milhares de micro e pequenos negócios em cada bairro, em cada rua, em cada comunidade, e, para todos, os efeitos sociais benéficos que sempre os acompanham.

Meus amigos e minhas amigas,

Nos últimos anos, graças à singular combinação entre estabilidade de preços, crescimento do poder aquisitivo e uma política estruturada e eficaz para a redução da miséria e da pobreza, um número crescente de brasileiros passou a consumir mais e melhor. Os ganhos reais de salário, da ordem de 5%, repetem-se pelo terceiro ano consecutivo e estão lastreados, basicamente, em aumentos de produtividade industrial. Por um lado, isso garante que os aumentos salariais não pressionem a inflação e, por outro, que as empresas continuem a abrir novas vagas, de olho na expansão da demanda interna. Foi o que aconteceu neste último mês de julho quando, segundo o CAGED, foram criados mais de 154 mil postos de trabalho em todo o território nacional, com carteira assinada. Embora a procura de emprego tenha crescido nas regiões



metropolitanas, a criação de postos é 34% superior ao mesmo mês do ano passado. Quarenta milhões de brasileiros que ganham salário mínimo tiveram seu poder aquisitivo elevado em 16,6% este ano, o que dobrou sua capacidade de compra em relação à mesma cesta básica dos anos 90. Graças à geração de empregos e às políticas sociais, como é o caso do Bolsa Família, a taxa de exclusão no Brasil exhibe, hoje, o nível mais baixo desde 1992.

Isso significa que estamos garantindo às famílias o sagrado direito de realizar três refeições por dia e estamos possibilitando a uma significativa parcela da nossa população o acesso ao mercado de consumo, com o conseqüente desenvolvimento econômico. Quase 2 milhões de famílias, cerca de 7 milhões de pessoas deixaram a base da pirâmide de renda e galgaram novos degraus de consumo este ano. Tudo isso se traduz num mercado de massa em ebulição, que favorece o varejo e, sobretudo, resgata o comércio de bairro como protagonista relevante da roda do crescimento nacional. O resultado é que a frequência do consumidor a esses estabelecimentos praticamente dobrou e, hoje, eles já detêm 40% do faturamento na área do varejo de alimentos no País. Não é por acaso, portanto, que no nosso governo as taxas de lucratividade do setor produtivo cresceram 200%, superando, em muito, as do setor financeiro. As empresas estão com caixa para fazer investimentos, a produtividade aumenta e as recentes sondagens da Fundação Getúlio Vargas constataam: nossos empresários estão com ânimo para continuar apostando no Brasil.

Minhas amigas e meus amigos,

Ao lado do aumento da renda, o crédito é o instrumento mais importante para a consolidação de um forte mercado de massas. Nesse sentido, empenhamos todos os nossos esforços, nos últimos 44 meses, para expandir a oferta de crédito e mudar a face enrijecida do mercado financeiro nacional. Democratizamos o acesso às contas bancárias, o que resultou na entrada de mais de 6 milhões de novos correntistas para o mercado. Criamos o



microcrédito produtivo e mudamos a legislação das cooperativas de crédito para permitir sua expansão territorial e ganhos de escala. Só o financiamento e desconto em folha, por exemplo, já equivale a cerca de 40 bilhões de reais no mercado de consumo no nosso País. Essa massa de recursos, que representa quase a metade de todo o crédito pessoal disponível no mercado, opera com taxas de juros monitoradas pelo governo e negociadas diretamente entre bancos e tomadores de empréstimo.

O estoque geral de crédito saltou quase dez pontos percentuais nos últimos três anos: passou de 23,8% do PIB para 32,6%, com a perspectiva de chegar a 36 até o final do ano. Novas medidas estão sendo analisadas para incentivar, ainda mais, a competitividade no mercado financeiro e acelerar a queda nas taxas de juros, que já são as menores dos últimos 31 anos. Tenho a certeza de que isso se tornará uma realidade, pois ao mesmo tempo em que o nosso mercado interno está se tornando cada vez mais dinâmico, conquistamos um grau de estabilidade macroeconômica que há muito tempo não se via no País. Estou falando de reservas internacionais de mais de 70 bilhões de dólares, conjugadas com o superávit em conta corrente, elevados níveis de exportações e baixa dívida externa, fatores que juntos garantem ao nosso País ser cada vez menos vulnerável às crises externas.

Empresários e empresárias do nosso querido estado do Paraná,

O Brasil vive hoje o ciclo de expansão mais prolongado dos últimos 19 anos. Essa conquista e muitas outras resultam do enorme esforço coletivo de toda a nação, que optou, a partir de 2003, por mudar a lógica econômica do País e semear uma nova dinâmica de sociedade de futuro. Elas não foram, portanto, frutos do acaso ou da mágica, mas do trabalho, do diálogo e do aprofundamento da democracia. As entidades da sociedade civil, representem elas trabalhadores, empresários ou outros importantes setores da nação, foram fundamentais para a construção dessa impressionante mudança. É por esse motivo que fiz questão de estar aqui com os senhores e as senhoras da



Federação das Associações Comerciais e Empresariais do Paraná. Mais do que lhes detalhar a nossa visão sobre mudanças econômicas do Brasil, que têm como objetivo máximo criar uma sociedade mais justa para todos, quero agradecer toda a colaboração que o segmento empresarial vem dando a essa enorme empreitada.

Precisamos sobretudo, continuar a fortalecer essa parceria vitoriosa. O governo federal está dedicando todo o seu empenho para que o Congresso Nacional aprove, brevemente, aquela que é uma das suas principais demandas históricas, a aprovação da Lei Geral da Micro e Pequena Empresa. Sei que esse é o objetivo comum de todos nós e é justamente por isso que devemos unir nosso esforço em uma frente que supere qualquer barreira política ou ideológica, para que essa Lei se torne uma realidade.

Entramos na rota do crescimento sustentável e o comércio, em especial o pequeno varejista, tem uma boa história para contar dentro dele, uma história de recuperação do seu espaço no mercado, de regeneração da cidadania e do espírito comunitário no seu entorno. Vamos trabalhar para que essa seja, definitivamente, a história do nosso futuro.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês neste encontro.